

Joaquim Matos
Chaves
Abril '87

No conjunto da geração mais recente e no âmbito da escultura, aqui escultor em madeira, o nome de Paulo Neves é um nome que começa a despertar a atenção.

E esta atenção vem justificada por alguns dos valores que conformam e fundamentam a sua obra.

Por um lado impõe-se, de imediato, salientar dois. O material em que substantiva as suas formas e as dimensões que, como imperativo, pratica.

Porque nem um nem outras deixam de ser, per si, significativos.

Patenteia o primeiro uma atenção ao meio natural que é o seu e patenteia, também, a necessidade de converter esse dado natural num facto cultural.

Neste caso plástico. Esta aparentemente modesta operação de transformação é uma operação que pode ser tudo menos ser modesta.

Porque é simplesmente de ordem óptica e antropológica.

Antropológica no duplo sentido de consistir na humanização da natureza e de ter as características de um trabalho onde biologia e história adquirem as respectivas significações.

Assim como pode e deve ser compreendida na acepção de uma ontologia do humano.

Patenteiam as segundas um sentido de escala que obriga a recordar os espaços abertos da natureza, aliás o seu habitat de origem, e quer pelo tamanho quer pela compleição, grupo, feixe ou elemento isolado, onde se enfatiza a verticalidade, remete-nos para domínio onde as relações entre a natureza e o sagrado se aproximam como consequência de um imaginário onde as forças da ancestralidade são as forças de maior capacidade energética. A terra e as linhagens, da família, da tribo, da pátria (mátria), são os alicerces de toda a heráldica totémica, independentemente das fisionomias que tais totens podem revestir. Este cunho de emblema que significa o vínculo com as raízes em estratos subtraídos ao controlo da memória é bem claro da escultura de Paulo Neves...